



X ANIVERSÁRIO - 1975/1985

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

PROSA



Arnaldo Santos

PROSAS

2ª edição

BAIRRO OPERÁRIO NÃO TEM LUZ

O miúdo era assanhado e eu evitava levá-lo. Às vezes à noitinha, quando voltávamos do S. Paulo, fugia da mão e, como puco atrevido, ia meter o nariz nos corredores escuros, entre os quintais de aduelas, onde alguns casais se recompunham apressadamente e de má vontade. Eu também não gostava. Os verdadeiros momentos de amor são únicos e irreversíveis. Mas não sabia como explicar-lhe isso. Indignava-me convenientemente, e ralhava apenas.

Naquele dia fez-me uma pergunta difícil. Pergunta de miúdo assanhado. Íamos pelo largo do Zé Gordo. Eu caminhava devagar na meia escuridão, procurando evitar os monturos mais salientes, que se acumulavam conscienciosamente naquele lugar, quando ele, depois de pontapear uma lata vazia, me assoprou gravemente:

— Porquê que o Bairro Operário não tem luz?

Assim de chofre, hesitei, gaguejei um pouco e mascarei por fim uma explicação complicada. Ele, como eu previa, não percebeu e reclamou. Então as casas de pau-a-pique não têm direito a luz eléctrica?! Como é que as pessoas iam comer e brincar à noite? E nas ruas porquê que não punham candeeiros como os da baixa? Aquele garoto nunca chegaria a entender nada de urbanização, pensei, aliás pouco convicto.

Mas, enquanto prosseguia silencioso, passei o olhar em redor. Intencionalmente. E, subitamente, senti-me como perdido numa ilha de negrume. Sobre o extenso corpo de sombra do bairro, crivado aqui e ali de pequenas luzes vigilantes, divisei ao longe uma poeira esbranquiçada que o cercava por todos os lados.

Dominei mal uma leve sensação de insegurança, como se, repentinamente, me descobrisse sob uma ameaça latente, e contive a custo um movimento de impaciência que me fez esbarrar nos restos de um cesto de matoba.

As casas do bairro, acaçapadas pesadamente no chão, desenhavam formas brutais, escuras e agressivas, furadas pelos olhos da luz dos candeeiros a petróleo. Lentamente, silhuetas moviam-se dentro delas, como salalé, e escoavam-se pelas ruas, anónimas, sob a protecção da escuridão. Uma lua cheia já brilhava no céu, e eu comecei a imaginar o que aconteceria ali, se de repente ela descesse e ficasse baixinho, iluminando o Bairro Operário, como uma enorme e redonda lâmpada de neon. Aquela ideia fez-me sorrir.

Seria um despropósito, o pânico. Toda a gente fugiria alvoroçada.

Os operários que se extravasavam pelas tascas em gestos desabridos, em fala grossa, milagrosamente lúcidos, dissimulariam com as mãos calosas as manchas ainda húmidas de vinho e fugiriam. Os namorados separar-se-iam admirados pelo que estavam a fazer e olhar-se-iam como desconhecidos. As quitatas esconderiam entre os umbrais das suas casas deslavadas os rostos gastos e as nódoas obscenas das suas saias rodadas e fitariam com angústia cada homem que as procurasse.

Que seriam mesmo dos quifumbes, dos cazumbis, que as histórias da vóvó Teta reviviam junto dos meninos sujos de terra e de olhos grandes de medo, se a lua alumiasse tão baixo? Ficariam desacreditados e inofensivos sob tanta luz. Até os calundus de Nga Kibiana já não viriam... e ela seria desprezada pelos mortos e pelos vivos. Irremediavelmente. Mansos, os amantes ciumentos já não «riscariam» os rivais, nas madrugadas de muzongue ou nos intervalos das farras do munhungo. Isolina! tu e as tuas farras nunca teriam existido! Nem tu, nem aquelas meninas tímidas que, espreitando desconfiadamente para todos os lados, vão despejar sorrateiras os penicos nos largos.

Com a lua baixinho, suspensa, como uma lâmpada de neon, nada mais. As próprias cavanças ruidosas que aliviam o coração de todas as pragas reprimidas morreriam sem gritos, domesticadas em lutas surdas.

Viria a vergonha com a luz. E em cada homem ela iria pôr o inconformismo de se verem esfarrapados e sujos. A alma operária, banhada pela claridade prateada da lua, examinaria os seus músculos inúteis e os rostos começariam a não poder dissimular mais, tensos e suados, toda a cólera acumulada num passado de escuridão. A luz viria afastar as sombras dos caminhos que conduzem à vida.

Porém a lua é um astro mole, pacífico, e ela não descera, eu sei. Não a deixarão descer tão perto da terra e o Bairro Operário continuará uma floresta de emoções difusas, cercada de luz por todos os lados. Continuará até que uma lua cheia se erga no coração de cada operário e o ilumine de uma nova esperança.

ARNALDO SANTOS

Por isso fui respondendo ao miúdo, frouxamente,
como se o fizesse para mim:

— ...o bairro não tem luz porque é o bairro dos
operários.